

# Perola

JORNAL LITTERARIO—QUINZENAL

## \* Assignaturas \*

Semestre . . . . . 250 reis  
Com estampilha . . . . . 300 reis  
Avulso . . . . . 30 reis  
Redacção e Administração—Rua da Graça, Ovar

Director e Proprietario

Francisco d'Oliveira Bello

Composição e impressão—Typ. A. F. Vasconcellos, suc.  
Rua de Sá Noronha, 51—PORTO

Director gerente e redactor, M. Duarte Silva

Administrador, Manoel Alves Correia

## EXPEDIENTE

Esperamos de todos os nossos amáveis e gentis collaboradores a gentileza de se absterem por completo de nos mandar escriptos que estes não sejam LITTERARIOS, SCIENTIFICOS ou ARTISTICOS ou, pelo menos, com presumpção a isso.

Fazemos esta supplica para não sermos obrigados a retirar original que se não conjugue com a indole da «PEROLA», que quer viver afastada de todas as questões POLITICAS PESSOAES, ADMINISTRATIVAS e LOCAES.

«O original publicado ou não, não será devolvido».

## Correio da casa

João sem Nome—Recebemos o seu artigo — Impressões — que não o publicando julgamos interpretar os seus desejos...

Tem razão, mas, como o collega sabe, nem todas as verdades se dizem.

N'uma mulher nem com uma flôr se bate... Seja, pois, indulgente para com ellas!

Sabe que a Perola tem como collaboradoras senhoras dis-

N.º 1 «FOLHETIM DA PEROLA»

R. LAMOTE

(TRAD. DE M. D. SILVA)

## O PREMIO

Em uma noute opaca e sem lua, um ruido ou qualquer cousa que a isto se assemelhava, ouviu-se seguido d'um silvo ligeiro, apenas perceptivel.

Os ramos d'uma mouta rangeram.

Um homem appareceu n'um atalho.

Um pouco mais acima, no caminho e no lado opposto, ouviu-se o mesmo ruido e o mesmo silvo responderem.

Uma nova silhueta recortou

tinctas—outras tantas perolas—para quem todas as attentões são poucas.

Nós queremos attrahir e não desagradar.

Sendo o collega dotado d'um espirito sapiente, espero nos dará razão não levando a mal o nosso modo de pensar.

A. B. (Loubet) — A Perola não publica producções de collaboradores que pela primeira vez se apresentem sem se darem a conhecer, isto é, que as mesmas não venham firmadas com o nome do author, embora este seja depois substituido pelo respectivo pseudonymo.

Pela forma como se apresenta não temos a honra de o conhecer.

O seu soneto será publicado com todo o prazer logo que cumpra aquella formalidade, e o faça n'um papel mais limpinho, para provar que tem alguma consideração por nós.

## Fitas cinematographicas

A pedido de tres gentis leitoras continuamos a publicar os sobre o ceu uniformemente sombrio.

Os dois homens foram logo ao encontro um do outro e apertaram vigorosamente as mãos.

Depois d'este cumprimento silencioso e significativo, entabularam conversa:

—Sinto-me feliz por te ver John, julgava que não viesses...

—E porque velho Tomy?

—Rapazes como tu que nunca comeram papas dos senhores policias, podem duvidar o encontro de bandidos velhos...

John ergueu a cabeça, onde se lia em traços energicos, a vontade de vencer e exclamou:

—Eu tinha promettido vir velho Tomy, e por isso aqui estou.

«argumentos» de varios dramas que actualmente estão sendo exhibidos pelo cinematographo «Pathé».

Para isso abrimos uma secção especial que se denominará «Fitas cinematographicas».

## SALTEADORES MUNDANOS

E' am grandioso drama artistico que, como muitos outros, tem cauzado grande sensação, e cujo argumento é o seguinte:

Mariora Orsantesku, romana, pertencente á sociedade cosmopolita, de origem incerta, dirige-se a Paris acompanhada de grande comitiva, onde consegue penetrar nos salões menos conhecidos. Foi assim que ella conseguiu que a convidassem para passar um mez da estação de verão, no castello de Fontaines, entre os Lansac.

Tendo casado muito nova, por conveniencia, a baroneza de Lansac, não soube corresponder á ternura profunda que lhe dedicou seu marido. Em compensação, o seu coração abriu-se ao

—Assim o vejo!

—Tu não me tinhas dito n'uma palavra «sois o 23» á entrada oeste das minas abandonados, á meia noite?

—Ora, estamos a 23 e é meia noute...

—Tu és novo, ainda não sabes trahir as tuas promessas.

—Tens tu então já trahido as tuas?

O velho Tomy carregou as sobrancelhas.

—Vêde este gallo que se ergue nos seus esporões?

—Vamos!... não tenho tido razão, fallemos de coisas serias!

—Primeiro; sabes porque te concedi esta entrevista?

—Não, porque, ha já perto de um mez que não nos encontramos.

amor por um amigo de infancia, Paulo de Lancon. A astuciosa romana não tarda a descobrir esse amor, por um bilhete perdido que lhe revela tudo.

Desde esse momento, pensa em tirar partido d'essa circumstancia aproveitando ao mesmo tempo uma occasião propicia para lhe subtrahir o colar de perolas, que a baroneza sempre trazia ao pescoço.

Com a cumplicidade d'um amante chauffeur, ella aproveitava a occasião de uma entrevista na estufa, entre Paulo e a baroneza, para se introduzir de noite nos aposentos d'esta. Depois de ter febrilmente revistado a secretaria e os moveis, descobriu enfim n'um dos moveis a joia preciosa, dispondo-se em seguida a fugir, quando de repente a porta se abre; a baroneza e a sua hospeda encontram-se em presença uma da outra, apanhada em flagrante delicto e não sabendo como explicar a sua presença ali, a uma hora tão adeantada, a romana quasi como louca, agarra n'um punhal precioso que se encontrava sobre um dos moveis e crava-o no peito da infeliz senhora.

Senhora de si a criminosa,

—Que se tem passado?

—Nada mais simples, ouve:

—Não sou muito rico; no meu «paddock» os carneiros contam-se facilmente, e eu facilmente queria augmentar o numero d'elles...

—A' custa dos velhos squatters que são muito ricos?

—Justamente!...

—Oh! não arranjei senão uma pequena duzia de animaes, mas, creio que me viram!... e isso já não é a primeira vez... E' a setima John!

—Eis porque não me importei saber a decisão que tomaram a meu respeito.

—Fugimos devagar.

—E tu foste refugiar-te nas minas...

Continúa.

## A PEROLA

pensa em seguida em fazer cahir as suspeitas em alguém; o acaso favorece-a encontrando o bilhete de Paulo Lançon, revelando as relações criminosas dos dois amantes. Bella ocasião, pensa ella, em fazer cahir sobre elle as suspeitas da justiça. Vendo ella que a morta segurava na sua mão crispada um lenço, repara que o mesmo traz as iniciais P. L. — Paulo de Lançon. — Decididamente a fatalidade está sobre elle, favorecendo portanto as intenções da criminosa. Esta então molha o lenço no sangue, e colloca-o com o bilhete junto da morta.

No dia seguinte, de Lansac surpreendido por não ver sahir do seu quarto a sua mulher, entra nos seus aposentos e depara com um espectáculo dilacerante; a morta sinistra d'aquella que amava e a prova cruel da sua traição.

Em seguida são feitas pela justiça todas as investigações legaes. Cheio de provas esmagadoras, Paulo de Lançon é preso, deixa-se arrastar a um desespero embrutecido, emquanto a aventureira, cynica até ao fim, offerece ao desgraçado marido os seus carinhos e ternuras.

### Vontade

AO VICTOR

Indolentemente reclinada n'uma velha poltrona, ella olhava tristemente para as nuvens alaranjadas que acompanhavam o sol, como que a despedirem-se d'elle.

A tarde já no declínio, no momento em que a noute principia a envolver n'uma mortalha escura a limpidez e a claridade do dia, chamara-lhe a attenção pella belleza do collarido, pelo rendilhado das nuvens que se accumulavam umas sobre as outras, como se fossem montanhas de fogo que os ultimos clarões do sol lantejavam de ouro.

Deixara se vencer pela tristeza mysteriosa d'aquella tarde de outomno. Aquelle sol que partia espargindo pallidas scintellas de luz—aquelle campo deserto onde o trigo maduro punha uma enorme mancha desmaiada—os ultimos trinados dos passaros que se recolhiam aos ninhos chilreando—enchiam-na de uma infinita melancholia, de uma intensa tristeza. Parecia-lhe sentir uma calma soffocante na branda viração que de leve baloiçava as folhas das arvores, Inconscientemente sorveu o ar n'um longo hausto, que terminou n'um suspiro tremulo, cheio de maguas, de queixumes...

Vinham-lhe á mente, claras, nitidas, todas as scenas da vida.

Educada desde pequenina com extraordinario mimo, rodeada de cuidados sempre, como se fosse uma penna que um vento mais forte levasse sem rumo, os seus desejos, as suas mais insignificantes vontades eram como que ordens. Fôra sempre uma pequenina despota, extremamente boa e meiga, mas superiormente caprichosa. Nem de outra forma podia ser. A vaidade que lhe instigavam com a submissão a esses caprichos e o seu orgulho de creança poderosa, não a tinham abandonado. Ainda bem.

Crescera educada sempre no mesmo poderio, exercendo a sua vontade em tudo e em todos.

Um dia, perdera a sua mãe. A dor que então sentiu foi enorme: dias quasi sem comer, chorando continuamente, desesperos, momentos de crise nervosa em que despedaçava tudo...

Melhorou retirando-se para a aldeia acompanhada do pae que lhe obedecia mais do que nunca, e de sua avó, santa velhinha que se sentia alegre por voltar á sua terra, aldeã que era...

Soaram tristemente, melancolicamente as trindades na egreja da aldeia.

Amelia estremeceu. Fixou mais a vista como se quizesse guardar na mente os ultimos clarões do dia que findava, e depois, nervosa, impressionada deixou-se cahir de novo sobre a poltrona, e quedou-se como prestando muita attenção ao chiar d'um carro ao longe, emquanto as lagrimas lhe cahiam pelas faces, silenciosamente, sem um soluço, sem um gemido.

Ficou assim abstracta ainda alguns momentos. Depois, teimosas, as scenas da sua vida foram-se-lhe novamente mostrando claras, nitidas.

Seu pae arruinara-se com a fallencia d'um banco. Ultimamente doente, esse golpe cavara-lhe a sepultura mais depressa e poucos mezes sobreviveu á sua queda. Uma noite, tarde já, morrera depois de uma agonia lenta e dolorosa. Ella ficara só com a pobre velhinha não sabendo como entender se com os credores de seu pae, que vociferavam indignados contra o infeliz que tivera a negregada ideia de morrer sem pagar lhes.

Fechara se n'um quarto para os não ouvir, porque lhe irritavam a sua dor de filha estremosa, que sempre fôra, e o seu orgulho, esse orgulho que lhe deixara o seu poderio, a sua actividade de hontem.

Vencidas essas primeiras amarguras, ella, sem animo para encarar as difficuldades da vida, sem forças para a lucta e sem o habito da resignação ás contrariedades, deixara-se ficar junto da avó que pouco possuía da modesta casita onde viviam.

Poderia, se soubesse, auxi-

liar a santa velha, mas como?... E não saberia?

Não saberia realmente, ou eram ainda o seu orgulho e a sua vaidade a paralisarem-lhe esse esforço de vida que ás vezes sentia? Seria na verdade a repugnancia por trabalhos a que nunca se habituara, que a inibia de os fazer, que a prostava á menor tentativa, sem animo para recommear!...

Via que caminhava para um abysmo, o mais negro e mais desolador, e não se encorajava. a segurar-se ás arestas do precipicio...

Mas era uma covardia deixar-se despenhar e era um crime arrastar na queda a pobre, a santa velha que se cançava, que se matava para lhe dar confortos... Que forças a retinham?

—Boa noite filha — pronunciou a avó ao entrar na sala segurando um candieiro.

A luz espalhou-se clareando o rosto de Amelia, onde scintillavam ainda algumas gottas limpidas e chrystalinhas.

\*  
\* \*

Pouco tempo depois principiou para Amelia uma nova phase de vida. Os arranjos da casa, os trabalhos necessarios, as minudencias de um *menage* davam-lhe immenso cuidado e mereciam-lhe toda a attenção.

Habilitara-se á luz risonha e clara da manhã, quando o sol, como que receitando desperta-las, beija ainda manso e muito manso as boninas do prado. Gostava de o ver nascer de traz da serra, rasgando a neblina branca que se desfazia em gottas brilhantes e em perolas. Demorava pouco a ataviar-se e, simples, envolta n'um elegante mas singelo roupão, descia ao jardim a cuidar das suas flores cantarolando alegremente depois collocando uma folha d'alface na gaiola do canario, cantava ainda com a sua voz limpida e canora como desafiando a avesita. E todo o dia, saltitando como uma borboleta, e chilreando como um rouxinol dirigia, dava ordens, trabalhava mostrando se até muitas vezes jubilosa em lavar uma renda que depois collocaria ao pescoço, em fazer trabalhos a que nunca se habituara dizendo depois entre sorrisos:

—Vês como eu trabalho!...

E a avó contemplando a sorridente quedava se a pensar que força tornaria a creança indolente e descuidada de hontem, na mulher cuidadosa e boa, trabalhadora e alegre de hoje.

Poderia responder lhe quem, passando á noute junto ao enfiado caramanchão do quintal visse Amelia debruçada para a rua conversando docemente com um vulto que lhe fallava com carinho, com ternura.

Amelia sentira se um dia levada na corrente poderosa que nos conduz á maior das venturas ou ao mais amargo dos soffrimentos—amava!

Fora essa corrente que a tomara para mostrar-se digna do amor que recebia e para elevar-se na sua propria consciencia, a ella, a creança indolente e descuidosa de hontem, na mulher cuidadosa, trabalhadora e alegre de hoje.

Ambos pouco felizes, só de braço dado repartindo alegrias e trabalhos, esforçando-se juntos, poderiam subir a ladeira tão ingreme e difficulosa da vida.

Ella comprehendera o. O sentimento que lhe nascia n'alma, illuminando-lh'a; e assim principiava a lucta consigo, soffria as canceiras sem queixumes, crente e resignada cheia de forças e de esperanza.

E a avó — santa velhinha! — ficava a pensar n'essa transformação sem a comprehender, quando entre sorrisos Amelia perguntava:

Vês como eu trabalho, avózinha, vês?...

Augusto A. Correia.

## SECÇÃO ESPECIAL

### Antiguidades

A «Perola» começa hoje a publicar escriptos (prosa e verso) antiquissimos pois que os mais recentss dos que temos presentes são do anno de 546.

Para esta secção chamamos a attenção dos nossos amaveis leitores crentes de que lhe proporcionamos occasião de obterem uma preciosa colleção de verdadeiras reliquias. Estes escriptos serão publicados como estão — em portuguez antigo — para não se lhe tirar o valor. Serão copias fiéis do manuscrito que temos em nosso poder:

*Carta q o Sór Dom Antonio mandou a El-Rey Dom he'rrique quando o mandou requerer p.º a successam do reino.*

*Confiado estive sempre na m.ª virtude e sancto zelo de V. A. q menão negaria ouvirme nesta materia de successam q me hora ma'dou notificar pela qual merce beijo as Reaes mãos a V. A. E se nisto nao ouvera mais q determinar V. A. perfi o meu direito, com m.º gosto opo'jera em suas mãos. Mas como nesta materia hão de intervir mais juizes, epende de cada hu' saber ocomo se requiere sua justiça, informar d'ella a cada passo seus procuradores devendo esperar de V. A. q não permita q os mais pretensores nego'cem com tanta*

## A PEROLA

avantagem como he estarem n'essa corte o Duque de Osuna embaixada por parte do Sr Rey de Castella. e o duque de bragança porfy eu que estou degradado da Corte aonde sehão de chegar as cousas muy devagar, sem poder saber de vista como se allega meu direito, ajunto aisto q̄ quem me vir degradado da Corte quando se tractar de tal materia, me teraa tambem posto degradado da graça de V. A. me queira fazer merce. q̄ ou me alevante o degrado para poder ser presente como sam os mais pretendores, ou mande q'oducure de Osuna ordene seus procuradores letrados, e o Duque de Bragança o mesmo, e se retirem da Corte, porque doutra maneira seria proceder comigo com grandissima defequeldade. E quando V. A. estimafse pouco a justissima queixa que medifso figuaria ao menos deve de atathar a q̄ teraa com tanta razam a alma do Ifante meu S'nnor q̄ otanto amou de ver q'V. A. seha por servido deixar requerer meu direito tam deshonoradam.<sup>te</sup> E quando de minha parte ouvera todas as culpas do mundo, e não tivera outra razam q'apresentar a V. A. senão esta lembrança tenho m.<sup>ta</sup> razam de esperar q' me não negara esta merce.

### POSTAES MASCULINOS

As lagrimas vertidas dos olhos de uma virgem, são como perolas que rolam no fundo do oceano.

Santo Deus.

A ALGUEM

Ha imagem que se fixam uma vez e que ficam para sempre gravadas no coração; ha olhares que despedem reflexos tão deslumbrantes, raios tão intensos que nos incendeiam o cerebro; ha sorrisos tão meigos que nos enchem a alma de caricias.

Essas imagens, esses olhares e esses sorrisos, só os pode idealisar um sentimento Omnipotente!

Esse sentimento é o amor.

Brunner.



### POSTAES FEMININOS

Como a nuvem negra que tolda o firmamento, assim a saudade tolda o coração.

Amarillis.

A pessoa a quem dedicamos uma verdadeira amisade, ainda que se ache a uma immensa distancia de nós, a vemos todos os instantes, porque a sua imagem se apreseuta aos nossos olhos e ao nosso coração, tal qual é.

Coenira Santos.



### Regresso

À minha santa mãe.

Abra-me os braços, santa mãe! Repara Como o teu filho vem tão fatigado .. Dei uma volta á vida amara, E regresso por fim ao lar deixado.

Que esseteu peito, mãe, que eu desejava Nunca ter doidamente abandonado, Seja inda o mesmo leito para a ignara Cabeça do teu filho amargurado.

Oh! dá-me o teu carinho, o teu sorriso. Transforma o meu inferno em paraíso E deixa-me dormir, dormir... sonhar!

Fortalece a minh'alma enfraquecida! Edá-me alento, mãe p'ra lutar erguida... Ai! que teu filho tem tanto a lutar!...

Augusto H. Corrêa,



### MORTA...

Quem diria, flôr mimoza, descuidada maripoza, que nasceste p'ra soffrêr?... Quem diria, flôr bemdicta, innocente magarita, que nasceste p'ra morrêr...

Eras formoza, fragrante, d'afectos sempre anhelante, cheia de branda poesia... Hoje. . secca, já sem vida, na mirrada haste, pendida, jazes triste, muda e fria!...

Porto

H. Ernesto.



### Julgar mal...

(À D. Helena Carmina)

Eu a julgar que á brancura Da camelia Não excedera a docura Doutra qualquer linda flôr... Julguei mal, pois eu sei bem, Dona Helena, Que a açucena Tem côr que as outras não têm...

A julgar que a pobre rosa Dos canteiros, Fosse a mais pura e olorosa De quantas rosas mais ha... Julguei mal, pois tão faceta, Seductora. E', senhora, E' decerto a violeta...

Julgando que o cravo ao peito, P'ra agradar, Tivesse outro encanto e geito, Outro viço, outro frescor... Julguei mal, que não é assim, Mais encanto, Outro tanto, Mais encanto ha no jasmim...

Soares d'Azaredo.



### Odalisca

Fôra creança. Um lindo botão de rosa, Com a graça e fresquidão d'uma açucena, Onde mãos subtis de fada mysteriosa Tivesse burlilado a copia d'uma Helena.

Mais tarde, já mulher, (e quanto mais formosa Em seu talheesbelto, proprio de agarena) Cahira sob a vista torpe e langorosa Do velho e gasto Emir, um dia n'Almadena.

Foi naquella hora traçado o seu destino!... E a negra escravidão de fauces 'scancaradas, Monstro tenebroso a rir ás gargalhadas,

Em seu antro recebe a presa do belluino, Que, com dôr bem sentida, manda á Liberdade Para sempre um kôss nam threno de saudade!

Algures, II-1910.

Oscar d'Alvasil.



### Aos dez annos

Usar como a mãe vestidos muy cumpridos, Ser senhora com vinte annos, ser gentil Eu quizerá bem depressa. E com amôres Tecer as corôas d'um risonho abril.

### Dez depois

Pequenita com dez annos, quem me dera Cabellos soltos, alegre a saltitar... Assustam-me os vinte annos. Tenho medo Que a esperança fuja, p'ra não mais volt.r!...

Lina de Castro.



## SECÇÃO CHARADISTICA

Director, M. Duarte Silva

RUA DE SANTO ILDEFONSO, 260-2.

### Correio sem sel'o

Como anunciamos, está aberto o nosso 4.º concurso a premio, sob as condições já expostas, e que serão rigorosamente cumpridas.

O 1.º premio consta d'um anel d'ouro, que não desmerecerá dos mais premios que temos offerecido, e o 2.º consta de meio anno de assignatura gratis da *Perola*.

As decifrações devem ser remettidas para a direcção acima indicada e todas ellas devem vir assignadas com o nome e morada do concorrente, além do pseudonimo se quizerem uzal'o.

Becco & Viella — Recebi as suas producções.

Freidank — Cá o espero. Novamente peço aos senhores colaboradores d'esta secção, o favor de me enviarem producções, o que muito agradeço.

### DECIFRAÇÕES DO N.º 29

1, talentozo; 2, parabola; 3, probó; 4, acrisolar; 5, obsecração; 6, petipe; 7, colombo; 8, Camphora, amphora; 9, Joel; 10, Amoroso é um ente que tem amor.

### Quadro de honra

BECCO & VIELLA

Decifradores do n.º 29:

Becco & Viella os n.ºs 1, 2, 5, 7, 8, 9 e 10.

### CHARADA EM VERSO

1 Se como deve eu fôr lida Encontra cidade capital — 2 Porém com mais pequeno signal Verá fructa apetecida.

M. Christovão.

## A PEROLA

### EM PHRASE

2 Vi tomar banho em um rio da Catania uma linda mulher d'uma cidade africana—2—2.

3 Em uma ilha ingleza encontrei um homem armado com um cutello—1—1.

*Becco & Viella.*

4 Chamo a juizo quem der má nota da taramella do meu moinho.

5 A vogal tem no talão uma ave—1—2.

*Barbas de Bagaco.*

6 Os instrumentos aqui no gymnasio são do parvo—1—1—2.

7 O cavallo na terra é sempre cavallo—2—2.

*Republica.*

### SYNCOPADAS

8 Um dos filhos de Jacob nasceu n'uma cidade asiatica—3—2.

*José M. d'Almeida.*

9 Embarços na planta—3—2.

10 Ha um peixe que arrasta a lingua—3—2.

*K. Lunga.*

### APOCOPADAS

11 A planta está no rio—2.

12 O malvaisco é para a cabra—3—2.

*Rosa Chã.*

### AUGMENTATIVAS

13 O biscoito é uma moeda—2.

14 O barco é sempre barco—2.

*Avlis.*

### ELASTICAS

15 Está eclipsado, eis porque houve mudança—1—2.

*Joteba.*

16 Algodão flacido—3—4.

*Pinheiro.*

### APHERESADAS

17 Esta concubina é natural de uma cidade da Indo-China—2.

18 N'uma ilha asiatica falleceu um homem muito sublime—2.

*Freidank.*

### BIFORMES

19 O filho de arister comeu este fructo—2.

*Joteba.*

20 Tranquillo caminha para a fatal ruina—2.

21 A planta tambem é uma ave—3.

*Raphael d'Altamira.*

22 Avulso, por diversas partes, anda a minha poesia—3.

*Pinheiro.*

### LOGOGRIPOS TELEGRAMMAS

23 A pratica li-  
vra-nos d'aven-  
turas

1 6 3 8 7 4 9
5 6 3 4 7 8 9
1 2 3 8 7 4 9

*M. Christovão.*

24 Bons xaropes são os  
preparados pelos in-  
dios do Brazil

3 6 1 7
5 2 1 7
3 4 1 7
5 6 1 7

*José M. d'Almeida.*

### TYPOGRAPHICOS

25  $V \frac{1000}{TO} A$

*Judith.*

26  $C \text{ nota } 500 A \frac{1000}{T} A$

*Aurelia Nogueira.*

27 100 A NOTA 50 50 o  
UU E UU

*Sertor.*



OFFICINA DE CALÇADO  
DE  
MANOEL ROSAS

TRAVESSA DA FONTE — OVAR



**NOVA LOJA**

**DE FAZENDAS**

Manoel Alves Correia

Rua da Graça

OVAR



**PORTO**  
**TYP. DE A. F. VASCONCELLOS, SUC.**  
51, Rua de Sá Noronha, 59

*Esta officina encontra-se em condições de executar todos os trabalhos typographicos*

MAPPAS, OBAS DE LIVRO, BILHETES DE VISITA E DE ESTABELECIMENTO,  
THESES, FACTURAS, ROTULOS DE PHARMACIA, JORNAES, ETC.

Officina de encadernação Carimbos de borracha



## A PEROLA

Jornal litterario—Quinzenal  
Anno 2.º • Quinta-feira, 17 de Março de 1910 • N.º (29)-30

Snr. \_\_\_\_\_